

A Frente Nacional não está morta

Sessenta e seis por cento a 34 por cento.

Parecia uma vitória esmagadora para o francês Emmanuel Macron, que agora será o oitavo presidente da Quinta República. Do exterior, esta margem foi recebida de forma muito positiva. Parecia um resultado retumbante, sinalizando que a grande maioria dos franceses tinha posto de lado o programa político racista encarnado por Marine Le Pen. Ela não seria nenhum Trump francês.

Segundo esta narrativa, a regressão nacionalista apoiada por parte das classes populares não poderia alcançar uma maioria na França, onde os eleitores preferiam um jovem presidente, liberal em seus valores como em suas políticas econômicas. Visto de longe, esta paisagem pode parecer tranquilizadora para os observadores. No entanto, visto de perto, as coisas são muito menos simples – ou tão positivas para a França e para as forças de esquerda.

Três milhões de novos votos para Le Pen

Marine Le Pen e sua Frente Nacional (FN) perderam, é claro, a eleição, mas entre os dois turnos da eleição presidencial venceram pelo menos duas batalhas.

Em primeiro lugar, após a primeira volta, Le Pen obteve o apoio de Nicolas Dupont-Aignan, antigo líder da União para um Movimento Popular (UMP, o clássico partido de direita). Durante alguns anos encarnou um direito soberano mais respeitável do que a Frente Nacional aos olhos dos eleitores de direita. Mais tranquilizador do que os herdeiros da família Le Pen, Dupont-Aignan encarnava uma direita soberanista gaulista que fazia da questão europeia um importante ponto de divisão da direita clássica e governamental. O seu movimento

“Debout la France” (“France Arise!”) obteve bons resultados nas últimas eleições regionais.

Assim que o apoio de Dupont-Aignan a Le Pen foi oficialmente selado, ela o apresentou como seu primeiro-ministro, caso ganhasse a eleição. Este bilhete presidencial era algo novo para a Frente Nacional, que nunca antes havia conseguido estabelecer alianças com representantes políticos da direita clássica. Na verdade, foi em uma disputa sobre esta mesma questão de aliar-se com a Direita que Jean-Marie Le Pen, pai de Marine e fundador da FN, tinha excluído Bruno Mégret e vários quadros do partido em 1998.

Aqui, Marine Le Pen colheu os frutos da sua nova postura política e terá feito algo para tranquilizar os eleitores do clássico campo de direita que estão desiludidos com a linha pró-europeia do partido conservador Les Républicains.

Em segundo lugar, mesmo se adicionarmos os eleitores do primeiro turno de Dupont-Aignan ao de Le Pen (e na verdade apenas cerca de metade deles seguiram sua chamada para votar nela), vemos que Le Pen deve ter ganho 1,2 milhão de votos adicionais em algum outro lugar entre os dois turnos da eleição (Le Pen obteve 10.644.000 votos no segundo turno, tendo obtido 7.678.000 no primeiro; Dupont-Aignan obteve 1.695.000 votos). Na verdade, ela fez um verdadeiro avanço entre os eleitores do ex-primeiro-ministro François Fillon.

Este avanço foi largamente ignorado pelos redatores pró-Macron, que, em vez disso, gastaram o seu tempo a estigmatizar os apoiantes da esquerda Jean Luc Mélenchon/França Insoumise, apesar de, em última análise, apenas 7% deles terem optado pelo Le Pen na segunda volta. Claramente, o progresso de Le Pen foi em grande parte atribuído aos eleitores conservadores de Fillon decepcionados com a eliminação de seu candidato após o primeiro turno. Entre os eleitores que votaram em Fillon no primeiro turno, 48% optaram por votar em Macron no segundo turno. Mas 20 por cento deles votaram em Marine Le Pen, e 32

por cento se recusaram a votar ou fizeram uma votação em branco.

Em resumo, 52% do eleitorado da direita clássica recusou a frente republicana tradicional: ou votaram em Le Pen ou se recusaram a votar em Macron.

Isto representa um desenvolvimento significativo para a França. O eleitorado de direita parecia relativamente cativo e difícil de afastar do partido conservador (conhecido sucessivamente como Rallye para a República (RPR), UMP, e agora os Républicains).

A narrativa do eleitorado de Melenchon, a revoltada classe trabalhadora, votando indiferentemente pela Esquerda e Direita não se sustenta quando olhamos para as estatísticas. A verdadeira novidade do segundo turno foi o fato de que uma boa parte dos eleitores de direita escolheu Le Pen ou a abstenção em relação a Macron, ex-ministro das finanças do presidente francês François Hollande.

Macron tinha feito numerosas promessas compatíveis com a direita clássica (de fato, antes mesmo da primeira rodada, muitos ex-ministros da direita, como Dominique de Villepin e Alain Madelin, haviam apoiado sua candidatura). Ele também fez uma visita a Philippe de Villiers (uma figura conhecida nos círculos realistas) e deu uma entrevista à revista Causeur, uma publicação muito lida na extrema direita.

Mas uma grande parte do eleitorado de direita preferiu optar pela Frente Nacional em vez de seguir o apelo dos seus líderes para votar em Macron.

Um direita radicalizada

Só podemos entender o progresso de Le Pen se levarmos a sério um fato marcante do termo de Hollande: a saber, que parte dos eleitores tradicionais da direita foram radicalizados e não estão mais vinculados às instruções de voto dadas pelos

líderes do partido gaullista.

Mesmo a vitória de Fillon nas primárias de direita não foi a vitória de um candidato de direita clássico. Para muitos comentaristas, Fillon parecia ser o homem que serviu como um primeiro-ministro discreto sob o comando do ex-presidente Nicolas Sarkozy. Mas, para construir um espaço político próprio, na disputa primária contra Sarkozy, ele recorreu em grande parte à franja mais radical do eleitorado de direita. Apoiada pela *Sens Commun* (uma tendência de direita católica) e pelos movimentos emergentes do *Manif pour tous* (os movimentos católico-fundamentalistas contra o casamento gay), a própria vitória de Fillon apontou para um movimento ascendente muito moralista e muito conservador dentro da direita clássica.

Quarenta e quatro por cento dos católicos praticantes regulares votaram em Fillon no primeiro turno. Quando foi revelado que Fillon havia empregado sua esposa e sua família na Assembléia Nacional usando fundos públicos, este eleitorado – muito sensível a posições sobre aborto ou casamento gay – apoiou a candidatura de Fillon de qualquer maneira, opondo-se fortemente à sua substituição pelo ex-primeiro-ministro Alain Juppé (que representava uma abertura para a centro-direita). Eles atacaram diretamente os apoiadores de Juppé com abuso verbal e ameaças físicas.

Este foi em si mesmo um indício do fato de que parte dos eleitores de Les Républicains rejeitaram um reposicionamento centrista semelhante ao de Macron. Como indica uma pesquisa recente com os eleitores da Frente Nacional, o atual avanço do partido não está necessariamente vindo dos trabalhadores (apenas um em cada sete trabalhadores votou na Frente Nacional nas últimas eleições regionais, e muitos mudam seu voto de uma eleição para outra). A FN está consolidando suas raízes entre um eleitorado clássico de direita e as camadas superiores da sociedade, que demonstram um envolvimento político mais regular e uma maior continuidade em seus padrões de votação.

Os bairros mais luxuosos da extrema direita estão indo bem. De fato, Le Pen foi a candidata presidencial que teve o mais alto nível de indicações de representantes cujos sobrenomes incluíam partículas nobiliárias (que podem, portanto, ter sido potencialmente nobres). Este ponto é difícil de ver se nos limitamos aos dados das empresas de votação, que muitas vezes combinam eleitorados muito diferentes.

Outro ponto brilhante para Le Pen é que ela correu relativamente bem entre o eleitorado mais jovem. Apenas 61 por cento das pessoas que votaram em Le Pen na primeira rodada tinha feito isso em 2012. Outros 15 por cento tinham votado em Sarkozy, mas o mais importante foi a grande proporção de eleitores pela primeira vez. Dezoito a vinte e quatro anos de idade (uma boa proporção dos quais não haviam votado nos concursos presidenciais anteriores, porque eram muito jovens) representavam 10% do eleitorado de Marine Le Pen. Vinte e seis por cento de seus eleitores tinham menos de trinta e quatro anos de idade, contra apenas treze por cento de Fillon.

Isto significa que o primeiro voto presidencial de muitos jovens conservadores foi para a Frente Nacional. É provável que entre estes haja muitos jovens precários que vivem em contextos periurbanos ou em cidades de média dimensão. A correlação entre a pobreza e o voto da FN ou o desemprego e o voto da FN não pode ser vista em todas as cidades, mas continua a ser um importante fator explicativo, tal como a presença ou ausência de serviços públicos perto do local de residência dos eleitores. Aí, Le Pen tem a possibilidade de reunir um novo eleitorado, e mesmo de o fazer a longo prazo. Isso é preocupante para os líderes da direita clássica.

Um desenvolvimento final é que a FN goza de novos níveis de apoio internacional. Anteriormente, a FN tinha tido o prazer de receber esse apoio de antigos quadros do Movimento Social Italiano de extrema-direita ou da extrema-direita europeia. Sua recepção por Vladimir Putin em 24 de março e, acima de tudo, o apoio explícito de parte da administração Trump foram

uma verdadeira novidade, a este respeito.

A Frente Nacional tem conseguido reivindicar seu lugar dentro das redes internacionais que se identificam com as “alt-right”, redes que têm impressionantes recursos ativistas. A prova disso veio na forma do “MacronLeaks”, oportunamente colocado em circulação algumas horas antes do segundo turno da votação. A proliferação de notícias falsas através das contas no Twitter dos quadros do partido ou durante o debate na TV também foi testemunha de uma transformação no modus operandi da FN.

Face a estes desenvolvimentos, as forças de esquerda estão extremamente divididas, mesmo quando o duplo avanço de Le Pen e Macron exige uma rápida recomposição.

Mais dividida do que nunca

A campanha de Macron foi conduzida a uma velocidade vertiginosa por uma seção de grupos de reflexão liberais (o Institut Montaigne à cabeça) e funcionários superiores do Bercy (o ministério das finanças). Ele rapidamente dividiu o eleitorado tradicional de esquerda. Com efeito, ele também teve que desorganizar significativamente o Partido Socialista (PS).

Macron e seus apoiadores foram capazes de roubar habilmente uma marcha sobre o primeiro-ministro Manuel Valls e depois aproveitar os resultados das primárias socialistas, que viram o triunfo da ala esquerda do partido. Com Benoît Hamon eliminando Valls nas primárias, os ativistas da esquerda do Partido Socialista pensaram que agora podiam contar com a máquina do partido. Mas a existência da candidatura de Macron ofereceu uma rota de fuga para toda a ala liberal do partido, com Valls na liderança.

Numa situação que pode ser comparada à de Jeremy Corbyn no Partido Trabalhista britânico, Hamon pensou que podia travar as deserções. Mas a equipe de Macron conseguiu conquistar o

seu apoio, para grande desagrado dos ativistas mais à esquerda do PS, muitos dos quais ficaram revoltados com as eleições. Vinte e sete por cento dos apoiantes de Hamon preferiram não votar em Macron no segundo turno; quarenta e três por cento de todos os eleitores de Macron no segundo turno o fizeram para bloquear Le Pen.

Este deslocamento do PS deixou um espaço aberto para Mélenchon na corrida presidencial. Mas será que este espaço vai sobreviver?

Realizando uma campanha que foi muito menos marcadamente de esquerda do que sua candidatura de 2012 em termos políticos (as bandeiras vermelhas da última vez agora substituídas por tricolores), e se distanciando de sua aliança com o Partido Comunista, Mélenchon fez um verdadeiro avanço eleitoral, trazendo para as cabines eleitorais eleitores que até então haviam se absterido. Mas agora será difícil para ele consolidar este espaço político.

Por um lado, quando Macron for presidente, poderá contar com uma recomposição parcial do PS; por outro lado, à medida que a France Insoumise se transformar cada vez mais num partido, entrará em concorrência com o Partido Comunista. Isso pode privá-lo de uma base ativista que fez campanha por Mélenchon, mesmo que voluntariamente ou sem querer.

Será Mélenchon capaz de construir uma nova força política? A France Insoumise está estruturada de uma forma muito particular: um núcleo de quadros que orientam à distância, através da Internet, os adeptos que foram muitas vezes recrutados espontaneamente em linha. Entre os candidatos esperados para representar a France Insoumise nas eleições legislativas, há alguns que são verdadeiramente novos na política e que tiveram pouca formação.

Entretanto, muitos dos candidatos comunistas são veteranos partidários, muitos dos quais se distinguiram pelo seu apoio

ao PS em episódios passados. O bloco de militantes que se estende desde a ala esquerda do PS até ao Partido Comunista, passando pela France Insoumise, está profundamente dividido. As eleições parlamentares correm o risco de ser um fiasco.

Quanto aos sindicatos, as eleições também deixaram cicatrizes profundas. Cinquenta e um por cento dos eleitores organizados na CGT radical votaram em Mélenchon, contra 15% em Hamon e apenas 13% na Frente Nacional. Na Força Ouvrière mais moderada, um em cada três votou em Mélenchon, mas houve também os 24% que votaram em Le Pen. Na CFDT (um sindicato reformista que colocou em primeiro lugar entre todos os sindicatos franceses nas recentes eleições do local de trabalho), houve uma pluralidade de apoio a Macron, com 48% de seus membros até mesmo votando no novo presidente no primeiro turno. Podemos dizer o mesmo da UNSA, um sindicato de colarinho branco onde quase 42% votaram em Macron.

Uma frente sindical unitária oposta às reformas trabalhistas propostas por Macron – uma que vai além da aliança CGT/SUD que já vimos em oposição às reformas trabalhistas de Hollande – parece pouco provável.

Por todas estas razões, a derrota de Le Pen na segunda volta das eleições presidenciais não é, sem dúvida, mais do que um momento de transição entre dois Estados da paisagem política francesa. Embora alguns possam esperar que a Frente Nacional se fragmente graças às suas divisões internas, Le Pen dispõe agora de grandes recursos para criar um partido abertamente nacionalista e racista que transcenda os limites do espaço que a FN ocupava anteriormente. As forças de esquerda têm de levar a sério o apelo feito por Le Pen na noite da segunda volta, apelando à criação de um novo partido.

Confrontada com a emergência de uma outra direita à la *française*, Macron propôs uma única formação ultraliberal composta pela maior parte das figuras dos partidos de esquerda e de direita que governaram até agora. Perante estes dois

blocos – um fascista, outro ultra-liberal – a emergência de uma terceira força parece incerta no momento.

Original: [Jacobin Magazine](#)